

MULHERES TRADUZINDO LITERATURA NO BRASIL NOS SÉCULOS XIX E XX

*Women translating literature in Brazil
in the 19th and 20th centuries*

Maria Eduarda dos Santos Alencar*
Dra. Rosvitha Friesen Blume**

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como principal objetivo apresentar a relevante participação de mulheres na prática de tradução literária, no Brasil. A fim de alcançarmos o objetivo proposto, traçaremos o percurso histórico da tradução, no Brasil, destacando o trabalho de tradutoras brasileiras, e dissertaremos acerca da intersecção entre os Estudos Feministas e os Estudos da Tradução, uma vez que enfatizam as relações de poder que se manifestam nos discursos da cultura. Para demonstrar isso, visamos a discutir algumas metáforas históricas da tradução, a partir dos estudos de Chamberlain (1988).

Direcionado pela pesquisa bibliográfica para atender aos objetivos expostos, este artigo também apresenta pesquisa exploratória, pois buscamos o aprofundamento da temática acerca de tradutoras brasileiras. Para isso, foi feito um levantamento bibliográfico acerca da história da tradução literária, no Brasil, e, mais ainda, da participação de mulheres na prática de tradução literária, das questões de tradução e da intersecção entre Estudos Feministas e Estudos de Tradução. Foram acolhidas considerações de Chamberlain (1988), Bassnett (1992), entre outras, e, quanto

* Mestranda no Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, na Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC). Este artigo apresenta alguns aspectos do projeto de dissertação de mestrado em andamento. E-mail: Eduarda.alencar@posgrad.ufsc.br

** Professora do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, na Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC).

à pesquisa das tradutoras, têm grande importância as obras de Muzart (1999) e Coelho (2002), além da procura, em bibliotecas e diversas fontes, por traduções realizadas por mulheres no período proposto.

Dessa forma, iniciaremos o estudo com uma breve introdução acerca da prática tradutória no Brasil, seguido pelo tópico no qual apresentaremos os diversos trabalhos de tradutoras brasileiras nos séculos XIX e XX. Por fim, discutiremos acerca da intersecção entre os Estudos da Tradução e os Estudos Feministas, destacando as metáforas da tradução e finalizando com algumas considerações nossas.

2 PRÁTICA DA TRADUÇÃO LITERÁRIA NO BRASIL: SÉCULOS XIX E XX

A partir de estudos realizados acerca da cultura literária no Brasil do século XIX, observa-se a importância da tradução como protagonista das ocorridas nesse âmbito; ela era praticada principalmente nas peças teatrais, romances e folhetins que chegavam ao País, no idioma francês. A predominância desse idioma deveu-se, segundo Santiago (1982, p. 17), à posição da França como “estabelecidora por excelência das hierarquias” e, em consequência, como padrão dominante no espaço cultural do Ocidente.

Ao discutir a dominância de uma literatura estrangeira traduzida, Even-Zohar (1990, p. 47) esclarece que há três categorias que justificam tal fato no polissistema¹ de um país. São elas: I) “Quando um polissistema não tiver sido ainda cristalizado”, ou seja, quando a literatura do país ainda “estiver em processo de formação”; II) “Quando a literatura for ‘periférica’ [...] ou ‘fraca’ ou ambos”; III) E, por fim, “quando há momentos cruciais, crises ou vácuos literários” na literatura do país. Possivelmente por esses motivos, a literatura brasileira, no século XIX, viu-se compelida a incorporar obras estrangeiras por meio da tradução.

Todavia, tais razões não foram as únicas que contribuíram para a prática tradutória, uma vez que, segundo relatório de Bethell (1989, p. 20-21), o País estava passando por uma expansão econômica e cul-

¹ Para o autor, “a teoria dos polissistemas acopla todos os fenômenos semióticos ou padrões humanos de comunicação governados por signos como a cultura, a linguagem, a literatura e a sociedade”, incluindo tanto “a literatura canonizada como a poesia, quanto as não canonizadas como a literatura infantil e a popular” (apud AGUIAR, 1996, p. 32).

tural, construindo, em consequência, uma sociedade híbrida em que o imigrante e a classe burguesa eram valorizados:

A transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro não somente abriu o Brasil economicamente mas terminou com o isolamento cultural e intelectual. [...] Em 1808 a imprensa foi estabelecida pela primeira vez na capital seguida pelas novas imprensas em Salvador (1811) e Recife (1817) e jornais e livros foram publicados. Bibliotecas públicas, academias literária, filosófica e científica, escolas e teatros foram abertos. Entre 1808 e 1822, em adição aos 24.000 imigrantes portugueses [...] apenas no Rio de Janeiro, registraram-se 4.234 imigrantes estrangeiros.

Pode-se dizer, portanto, que a prática tradutória, no Brasil, no século XIX, foi favorecida por todos os fatores acima citados, além do fato de o Rei D. João VI ter convidado uma série de “artistas franceses, em 1816, composta por pintores, escultores, arquitetos, gravadores, engenheiros, entre outros”, que também auxiliou a relação entre Brasil e França e fez com que os costumes brasileiros fossem igualmente afetados (TORRES, 2014, p. 53-54). Bello (1952, p. 125) comprova isso ao expor que

O francês, muito mais do que hoje, era uma espécie de segunda língua nacional para as pequenas elites das cidades brasileiras, ainda que de medíocre nível de cultura. Franceses eram os romances mais lidos [...] Assim, de peças francesas e de traduções de peças francesas se alimentava principalmente o nosso teatro.

Além disso, Sales (s/d, p. 1) e Telles (2004, p. 402) afirmam que o século XIX foi o “século do romance”, o que fez com que a tradução fosse essencial para a disseminação do gênero. Nesse caso, o trabalho do tradutor, conforme aponta Abreu (2008, p. 18), “não se resumia, de forma alguma, à passagem de um texto de uma língua a outra, e se desenvolvia numa zona incerta no interior da criação”, ou seja, seu trabalho ia além de simples mediador entre texto traduzido e texto original: ele era responsável pela criação de um novo texto.

Segundo Heineberg (*apud* ABREU, 2008, p. 104), “no contexto do século XIX, a tradução é com frequência bastante aproximativa e os textos originais funcionam mais como fonte de inspiração para um segundo tex-

to do que como obra fielmente transcrita”. Os romances traduzidos eram, dessa forma, “nacionalizados”, domesticados à cultura de chegada, pois a fidelidade do tradutor não era ao texto original, mas sim ao público-alvo.

Vasconcelos (s/d uma vez que eram poucas as “restrições impostas pela noção de autoria e direitos autorais”. A tradução, por sua vez, era melhor descrita como sendo uma “tradução cultural, em que certos traços vistos como pouco aceitáveis pelo público-alvo [...] poderiam ser livremente alterados ou mutilados para adaptar o romance ao gosto e à cultura do país receptor”.

No século XX, de acordo com Torres (2014), o número de traduções publicadas no Brasil tem aumento a partir da década de 1930. A década de 1940, em especial, é considerada por Wyler (2003, p. 129) como a “Idade de Ouro da Tradução”, uma vez que, na época, diversas traduções de autores clássicos foram publicadas, tais como James Joyce, Virgínia Woolf, Franz Kafka e William Faulkner, pela Editora Globo; Proust e Tolstoi, pela Biblioteca dos Séculos; e Emily Brontë, Jane Austen e Honoré de Balzac, pela Editora José Olympio (MILTON; MARTINS, 2010), entre outros.

Observa-se, também, que o número de obras de língua inglesa e outros idiomas cresce. Segundo Milton (2008), isso deve-se ao fato de que as taxas alfandegárias aumentaram o valor de livros importados, além de que filmes estrangeiros, principalmente os hollywoodianos, estavam chegando aos cinemas do País. A profissão de tradutor/tradutora, por sua vez, era exercida, em grande maioria, como uma atividade ocasional, informal, geralmente realizada por pessoas de diversas áreas e por escritores e escritoras, tais como Rachel de Queiroz, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Vinícius de Moraes, Monteiro Lobato, etc.

No ano de 1952, foi lançado o primeiro livro sobre tradução, no Brasil, intitulado “Escola de Tradutores”, de Paulo Ronái. Nele, o tradutor discutia acerca da “quase inexistência de uma classe de tradutores no Brasil”, afirmava que o problema estava “ligado à profissionalização do ofício do tradutor”, que era considerado secundário, anônimo, invisível, e que a solução era “formar especialistas competentes”, em busca de uma “consciência profissional” (RONÁI, 1952 *apud* PORTINHO; DUTRA, 1994, p. 25). Todavia, mesmo com as fortes contestações do tradutor, apenas na década de 1970 foi criada a Associação Brasileira de Tradutores, com o apoio da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais.

A Associação, que começou com algumas dezenas de tradutores, já contava, na década seguinte, com centenas de profissionais, o que resultou no surgimento do Sindicato Nacional dos Tradutores. Ainda no final da década de 1980, o 36º grupo de tradutores foi criado, no Ministério do Trabalho, no plano da Confederação Nacional das Profissões Liberais, reconhecendo a categoria como profissão primária (PORTINHO & DUTRA, 1994). Em consequência, o problema apontado por Ronái, referente à falta de profissionalização do tradutor foi amenizado, uma vez que a atividade passou a ser realizada, cada vez mais, por profissionais especializados, ainda mais com a abertura de cursos de graduação e pós-graduação na área da tradução, no final do século XX.

Entretanto, mesmo com as conquistas já citadas, os tradutores ainda se encontram, por muitas vezes, invisíveis, visto que são poucas as pesquisas que envolvem uma historiografia ou antologia de tradutores e que ainda há livros em que o responsável pela tradução não é sequer citado. Tal fato faz com que seja de extrema importância uma pesquisa que destaque tais profissionais, buscando expor trabalhos que tiveram relevância na propagação da literatura no País.

3 TRADUTORAS BRASILEIRAS: PARTICIPAÇÃO NO CAMPO LITERÁRIO

No século do romance, o público leitor era, em sua grande maioria, de mulheres burguesas (TELLES, 2004) que, na época, tinham como papel ser ajudantes dos homens e educadoras dos filhos, sendo negada sua autonomia, fator esse necessário à criação. Por serem consideradas inferiores e, portanto, dominadas pelo homem na cultura patriarcal burguesa, restou às mulheres a atividade de tradução, que também era considerada derivada e secundária. Em consequência, foram várias as mulheres que influenciaram tanto os movimentos feministas quanto a literatura brasileira, por meio da prática tradutória. Aqui, serão apresentadas algumas tradutoras que exerceram tal influência por meio de suas traduções e de suas participações na vida cultural, possibilitando a divulgação de literatura estrangeira por meio dos jornais e revistas que publicavam artigos e romances recém chegados ao Brasil.

Como discutido anteriormente, durante o século XIX, foram vários os títulos traduzidos no País. Por exemplo, obras de Lord Byron fo-

ram traduzidas pela pernambucana Francisca Izidora Gonçalves da Rocha – que também traduziu Ossian, Lamartine e Campoamor –, e pela gaúcha Carolina von Koseritz, responsável por algumas obras de Tourgueniev, Goethe e Dickens. As peças teatrais que chegavam ao País, em especial as de Alexandre Dumas e Eugène Scribe, foram traduzidas pela também jornalista Violante de Bivar e Velasco, pela portuguesa (radicada no Brasil) Eugênia Câmara e por Vicentina de Carvalho, que também traduziu os títulos “As filhas de Barba Azul”, de Myriam Catalani, e “O rei das montanhas”, de Edmund Ahout.

Grande influenciadora da literatura brasileira também foi Corina de Vivaldi Coaracy, conhecida como Corina Coaracy, natural do Kansas, nos Estados Unidos da América, que veio ao Brasil quando ainda muito jovem, onde permaneceu radicada. A também tradutora foi responsável pela tradução de várias obras, entre as quais se encontram “A Rússia vermelha” (1883), de Victor Fissot, “O dever” (1884), “Vida e Trabalho” (1884), de Samuel Smiles, “A alegria causa medo”, de Mme. Girardin, entre outros. Virgínia de Castro e Almeida, por sua vez, traduziu Dickens, George Sand, Marco Aurélio e Cervantes, e Amélia Rodrigues, natural da Bahia, foi responsável pela tradução do romance “O filho do homem”, de Baronesa Von Krane.

Entre os títulos que influenciaram os movimentos feministas brasileiros encontram-se “A solidariedade feminina”, artigo da feminista Eugénie Potonié Pierre, que foi traduzido pela recifense Josefina Álvares de Azevedo, importante jornalista e feminista da época; e “Direito das mulheres e injustiça dos homens”, tradução da feminista Nísia Floresta, publicada em 1832, responsável por dar à tradutora a reputação de pioneira do feminismo no Brasil.

Conhecida como sendo uma “tradução livre” por uns e, por outros, como uma “adaptação”, da obra “A Vindication of the Rights of Woman”, de 1792, de Mary Wollstonecraft, a tradução de Nísia é repleta de suas opiniões sobre a realidade brasileira. Dépêche (2002, p. 8) expõe uma das alterações realizadas pela tradutora ao fazer o seguinte questionamento:

Se a argumentação de Mary Wollstonecraft, contrapondo-se à *Emile*, de Rousseau (Rousseau, 1966), destinava-se a convencer Monsieur de Talleyrand a abordar a educação feminina em seu projeto legislativo sobre a educação nacional (Godwin, 1987),

como é possível nunca encontrar no texto de Nísia um nome ou um debate em torno das ideias anti-feministas de Rousseau?

A autora ainda complementa com o fato de que, como se não bastassem tais ausências, “descobre-se a surpreendente presença de passagens inteiras inexistentes no texto francês”, que era “fiel ao texto inglês, bem como a sequência de títulos de capítulos totalmente estranhos a este” (DÉPÊCHE, 2002, p. 8).

Outra marca identitária de Nísia pode ser observada, mais uma vez, ao longo da tradução, ao escolher apresentar textos de autores e teóricos como Platão, Descartes e Catão, para dialogar com seu texto; enquanto Wollstonecraft opta por Rousseau, Shakespeare, a Bíblia, entre outros. Segundo Duarte (1989, p. 121 *apud* ARAÚJO, 2009, p. 11), a justificativa para as escolhas de Nísia é que tais autores eram mais divulgados no Brasil. Dessa forma, a tradutora foi reescrevendo a tradução de modo que essa fosse situada cultural, histórica, social e politicamente na realidade brasileira da época.

A tradução de Nísia enfrentou os preconceitos da sociedade patriarcal burguesa brasileira ao reivindicar igualdade para as mulheres, especialmente no que concerne à educação. Em sua tradução, discute que:

Se cada homem, em particular, fosse obrigado a declarar o que sente a respeito de nosso sexo, encontraríamos todos de acordo em dizer que nós somos próprias se não para procriar e nutrir nossos filhos na infância, reger uma casa, servir, obedecer e aprazer aos nossos amos, isto é, a eles homens [...] Entretanto, eu não posso considerar esse raciocínio senão como grandes palavras, expressões ridículas e empoladas, que é mais fácil dizer do que provar (FLORESTA, 1832, *apud* TELLES, 2004, p. 406).

Observa-se, por meio da tradução de Nísia, sua crítica acerca do pensamento e cultura patriarcal. Não obstante, a tradutora continuou a preocupar-se com a educação das mulheres em obras posteriores, como é o caso de “Conselhos à minha filha” (1842), escrito e traduzido, para o italiano, pela própria Nísia Floresta. A tradução intitulada “Consigli a mia figlia” (1858) teve sua primeira edição publicada em Firenze, pela Stamperia Sulle Loggegel Grano e foi tão bem aceita e reconhecida na Itália, que passou a ser, no ano seguinte, leitura obrigatória em várias escolas do país.

Outra tradutora que teve grande influência tanto para a propagação da literatura brasileira quanto nos movimentos feministas foi a já citada Violante de Bivar e Velasco, que nasceu na Bahia, em 1817. Além de ter sido responsável pela tradução das obras de Alexandre Dumas, atuou como escritora e jornalista, sendo considerada a primeira jornalista brasileira, pois dirigiu, em 1852, o *Jornal das Senhoras* – no qual eram publicadas, entre tantas coisas, traduções. O tema principal que gostava de discutir, no *Jornal*, era, assim como Nísia Floresta, os problemas em relação às mulheres, criticando, em especial, a educação que elas recebiam.

A tradutora dedicou-se, principalmente, às traduções de peças teatrais da língua francesa, italiana e inglesa, sendo responsável pelas seguintes obras:

- 1) “Pamela casada”, e “Pamela solteira”, de C. Goldoni, ambas do italiano;
- 2) “Rob-Roy MacGregor Campbell”, de Isaac Pocock, do inglês;
- 3) “Clermont” ou “A mulher do artista”, de E. Scribe e Louis-Émile Vanderburch, do francês;
- 4) “O xale de casemira verde”, de Alexandre Dumas e Eugênio Sue, também do francês;
- 5) “Os maricas”, de Jouhand e Bricet e Fourchon”; e
- 6) “Os títeres” ou “A roda da fortuna”, de M. Picad, ambos da língua francesa.

Não obstante, em 1859, Violante publicou seu livro intitulado “Algumas traduções das línguas francesa, italiana e inglesa”, que inclui as traduções das obras de Padre John Tood (MUZART, 1999)

Como jornalista, Violante dirigiu, por um ano, o *Jornal das Senhoras*, no qual eram apresentadas as sessões de moda, belas artes, teatro e crítica, além de traduções de romances, geralmente do francês, e de partituras de piano (LIMA, 2010). Ademais, por meio de espaço de correspondência com as leitoras, o jornal também questionava e criticava a educação recebida pelas mulheres da época, buscando uma melhor educação e a emancipação moral da mulher.

No século XX, as mulheres conseguiram alcançar alguns direitos, tais como o direito ao voto, a criação de espaços institucionais, o aumento da licença-maternidade, os direitos trabalhistas e benefícios sociais para empregadas domésticas, o direito ao divórcio, etc. (VERUCCI, 1991). Tais conquistas auxiliaram para a visibilidade da mulher em diversas áreas, inclusive no campo literário, em que escritoras receberam mais destaque, além de realizaram o ofício da tradução, como é o caso de Rachel de Queiroz.

Natural de Fortaleza, cidade do Ceará, em 1910, Rachel de Queiroz chegou a traduzir mais de 38 romances entre os anos de 1940 e 1972, além das 8 biografias e memórias entre 1935 e 1952. Alguns dos títulos, autores e ano de publicação podem ser observados no quadro abaixo, elaborado a partir das informações encontradas sobre a tradutora:

Quadro 1: Traduções de Rachel de Queiroz

ANO	TÍTULO	AUTOR
1940	A família Brodie	J. Cronin
1940	Eu soube amar	Edith Wharton
1942	Mansfield Park	Jane Austen
1942	Destino da carne	Samuel Butler
1942	Náufragos	Erich Maria Remarque
1942	Tempestade d'alma	Phyllis Bottone
1943	O roteiro das gaivotas	Daphne Du Maurier
1943	A exilada: retrato de uma mãe americana	Pearl Buck
1944	Memórias	Leon Tolstói
1944	Helena Wilfuer	Vicki Baum
1944	Humilhados e ofendidos	Fiódor Dostoiévski
1944	Fúria no céu	James Hilton
1945	A intrusa	Henry Ballmann
1945	Recordação da casa dos mortos	Fiódor Dostoiévski
1945	Stella Dallas	Olive Prouty
1946	A crônica dos Forsyte	John Galsworthy
1946	A promessa	Pearl Buck
1946	Vida de Santa Teresa de Jesus	Santa Teresa de Jesus
1946	Cranford	Elisabeth Gaskell
1947	Memórias de Alexandre Dumas, pai	Alexandre Dumas
1947	A casa dos cravos brancos	Y. Loisel
1947	Aventuras de Carlota	M. D'Agon de La Contrie
1947	O quarto misterioso e Congresso de bonecas	Mário Donal
1947	Mulher imortal (biografia de Jessie Benton Fremont)	Irwin Stone

(continua)

Quadro 1: Continuação

ANO	TÍTULO	AUTOR
1947	Anos de ternura	J. Cronin
1947	O morro dos ventos uivantes	Emily Bronté
1948	Os Robinsos da montanha	André Bruyère
1948	A mulher de trinta anos	Honoré de Balzac
1948	Aventuras da maleta negra	J. Cronin
1948	Os dois amores de Grey Mannin	Forrest Rosaire
1948	A conquista da torre misteriosa	Germaine Verdat
1950	A afilhada do imperador	Jean Rosmer
1950	A deusa da tribo	Suzanne Sailly
1950	A predileta	Raphaelle Willems
1951	Os demônios	Fiódor Dostoiévski
1952	Os irmãos Karamazov	Fiódor Dostoiévski
1952	Os deuses riem (teatro)	J. Cronin

Fonte: Autora, Maria Eduarda S. Alencar

A partir do quadro, notamos a grande participação da tradutora na chamada “Idade de Ouro da Tradução”, com a tradução de autores clássicos como Dostoiévski, Jane Austen, Leon Tolstói e Emily Bronté que receberam, em alguns casos, suas primeiras versões traduzidas. De acordo com Oliveira (2007, p. 53), Rachel dedicou-se, na década de 1940, especialmente à tradução, porque “a profissão de tradutora lhe era rentável e satisfatória”. A tradutora ainda expôs, sobre sua atuação, que

Passéi a ser tradutora efetiva, um livro atrás do outro e recebendo uma retirada mensal. Às vezes me ocorre fazer uma conta dos livros que traduzi nesse período. [...] Eu trabalhava regularmente oito a dez horas por dia; nisso ganhava a vida. [...] Eu chegava a traduzir tão rapidamente esse tipo de livros [best-sellers] que pagava uma datilógrafa para bater o que eu ditava (QUEIROZ, 1999, p. 186-187, *apud* OLIVEIRA, 2007, p. 54).

Isso explica a grande quantidade de traduções em curto período de tempo: do total de 66 traduções realizadas, 33 foram apenas nos anos de 1940. Quanto à escolha das obras a serem traduzidas, de acordo com Oliveira (2007, p. 54), apesar de a tradutora ter “total liberdade para traduzir o que quisesse”, era Vera Pereira, esposa de José Olympio – dono da Editora José Olympio –, quem fazia as escolhas.

Tal fato é relevante se considerarmos que, das 33 traduções, 12 são de autoria feminina (Jane Austen, Vicki Baum, Phyllis Bottone, Emily Brontë, Pearl Buck, Mario Donal – pseudônimo de Marie Chambon –, Daphne du Marier, Elisabeth Gaskell, Marie de la Contrie, Santa Teresa de Jesus e Edith Wharton), revelando sua significativa contribuição “para a divulgação da escrita feminina e da imagem da mulher como artista” e “para a mudança de língua e cultura na época” (OLIVEIRA, 2007, p. 56), visto que até então as traduções eram, em sua grande maioria, realizadas a partir do francês, e não do inglês. Sobre o assunto, a tradutora comentou:

Adestrei-me então no inglês, no qual até então era fraca, desde que Vera Pereira, mulher de José Olympio, assumiu a escolha de autores a traduzir – e ela gostava de literatura inglesa. Foi ela que me fez traduzir os vários volumes de Forsyte Saga, de John Galsworthy (QUEIROZ, 1999, p. 187 *apud* OLIVEIRA, 2007, p.57).

Um dos exemplos de traduções do inglês, pela tradutora, é a obra de Jane Austen, intitulada “Mansfield Park”, que foi realizada na época do Estado Novo e, como afirma Almeida (2009), possui pressuposições do período em que foi produzida, especialmente nas escolhas realizadas no estilo, que intervêm na obra original de Austen. Ainda de acordo com a autora, Rachel fez uso de estrangeirismos, conservando alguns termos do texto fonte, como é o caso dos títulos *Mr.*, *Gentleman* e *Sir*. Todavia, mesmo com tais termos e com a permanência de alguns trechos inteiros na língua estrangeira, sem fazer uso de notas de rodapé, a tradutora

Optou por uma tradução que fizesse com que o texto parecesse ter sido produzido originalmente em língua portuguesa. Esta escolha implicou, por vezes, na substituição de expressões próprias da língua inglesa por expressões próprias da língua portuguesa, no intuito de proporcionar maior fluência aos leitores brasileiros. Em outros momentos, frases inteiras foram suprimidas na tradução. Um bom exemplo é a frase *she could not be thankful* (algo como “ela não poderia fazer coisa alguma senão agradecer”), que foi traduzida simplesmente por: ficou agradecida (ALMEIDA, 2009, s/p).

Observa-se, desse modo, que a tradutora optou por uma tradução idiomática, e não tão literal, deixando sua marca no texto traduzido. O mesmo foi feito em outras traduções, como “A mulher de trinta anos”, de Balzac, na qual constam ainda palavras em francês, entretanto, nessa, foram colocadas notas da tradutora para explicar tal ausência, como ocorre com a palavra “donairière”, que é explicada da seguinte forma: “Não existe expressão portuguesa correspondente a ‘donairière’, que significa ‘viúva dotada’ e por extensão, senhora idosa e nobre (N.T.)” (BALZAC, 1948, p. 33).

Outra escritora que atuou fortemente com a prática da tradução foi Cecília Meireles, natural do Rio de Janeiro, em 1901. A poetisa dedicou-se ao estudo das línguas desde muito cedo, tornando-se conhecedora das línguas “inglesa, francesa, italiana, espanhola, alemã, russa, hebraica e dos dialetos do grupo indo-irânico” (DAL FARRA, 2006, p. 3). Foi responsável pela tradução de várias obras, entre as quais se encontram “Sete poemas de Puravi”, “Minha bela vizinha”, “Conto”, “Mashi”, “O carteiro do rei” e “Çaturanga”, todas de Tagore; “Bodas de sangue” (1960) e “Yerma” (1963), de Federico Garcia Lorca; e “Orlando” (1948), de Virgínia Woolf, que as duas últimas fazem o questionamento da condição feminina na sociedade.

A escritora ucraniana Clarice Lispector também atuou na área da tradução. Mesmo tendo começado a traduzir na década de 1940, na época a tradutora ainda era estudante de Direito e pouco traduziu. Sua prática tradutória só começou a se intensificar a partir de 1969, sendo que, a partir daquele ano até 1975, realizou 28 das suas, aproximadamente, 46 obras traduzidas. Clarice foi responsável pela tradução de obras diversas, tanto de literatura infanto-juvenil quanto de manuais de instruções, literatura adulta, peças de teatro e das áreas de psicologia ou beleza – a diversificação de suas traduções deve-se ao fato de que ela traduzia por motivos financeiros. Moser (2009 *apud* QUEIROGA, 2015, p. 93) aponta que “a tradutora tinha uma predileção por obras com temáticas ligadas a crime, pecado e violência, a exemplo dos contos de Edgar Allan Poe, ‘Entrevista com o vampiro’, de Anne Rice, romances policiais de Agatha Christie”, etc. Entre os autores que traduziu, além dos já citados, constam Oscar Wilde, Jack London, Henry Fielding, Julio Verne e Walter Scott.

Ademais, há tradutoras, como Amélia Sparano, que traduziu “Um crime de honra” (1963), de Giovanni Arpino, “Romanceiro de

Anita Garibaldi”, de Stella Leonardos (esse último para o italiano); Ana Maria Machado, tradutora dos contos de Grimm, Peter Pan e outras histórias infantis; Ana Maria Martins, que traduziu títulos de Agatha Christie, Maurice Leblanc, Aldous Huxley, entre outros; e Bárbara Heliodora Carneiro de Mendonça, que também atuou como crítica teatral e traduziu o teatro de Shakespeare, como, por exemplo, “Romeu e Julieta”. Todas elas também foram responsáveis pela propagação da literatura estrangeira no século XX no Brasil.

Não obstante, para a propagação, especificamente, do teatro, um dos grandes nomes é o de Edla Van Steen, natural da cidade de Florianópolis, que atua como tradutora, romancista, teatróloga, contista e tantas outras coisas. A tradutora foi responsável pela tradução de mais de dez peças teatrais, entre as quais se podem listar “O encontro de Descartes com Pascal”, de Jean Claude Brisville, e “Três Anas”, de Arnold Wesker. Não obstante, traduziu “O médico e o monstro” (1987), de R. L. Stevenson, e “Aula de Canto” (1984), de Katherine Mansfield. A tradutora Elsie Lessa, natural de São Paulo, também traduziu peças de teatro, como, por exemplo, “Quando as cegonhas se divertem”, de André Rousine e “Sétimo céu”, de Austin Strong. Elsie também atuou como tradutora das obras “O ninho dos fidalgos”, de Turguenieff, e “A voz dos sinos”, de Charles Dickens.

4 INTERSECÇÃO ENTRE ESTUDOS FEMINISTAS E ESTUDOS DA TRADUÇÃO

A partir da década de 1970, pesquisas realizadas no âmbito dos Estudos Feministas e dos Estudos da Tradução intersectam esses dois campos do saber, ao identificarem as relações de poder que permeiam a cultura em sua teia discursiva. O objetivo desses estudos tem sido mostrar como a tradução está longe de ser uma atividade neutra ou politicamente desinteressada. Uma das preocupações tem sido destacar os trabalhos “invisíveis” de tradutoras ao longo da história, considerando as dificuldades e limitações encontradas por essas e, ao mesmo tempo, mostrando a relevância que tiveram na formação identitária dos diversos sistemas culturais.

Se o trabalho de tradução não é neutro, o tradutor passa a ser considerado/a “uma forte fonte de poder de energia criativa transacional”

(BASSNETT, 1992, p. 70) ou, em outras palavras, ele/ela não é mero reprodutor/a de conteúdos, mas é uma/a leitor/a privilegiado/a e assume a escrita da tradução, que é um novo texto; conseqüentemente, ocorre a reformulação da hierarquia que ora relegava o exercício da tradução a um plano muito inferior ao da autoria. Segundo Godard (2009), a intervenção das teorias feministas na prática e teoria da tradução envolve questões de transmissão do saber e de autoria textual, subvertendo a problemática da fidelidade do tradutor.

Em trabalho intitulado “Gênero e a metafórica da tradução” (1988), Chamberlain expõe de que forma a tradução tem sido representada historicamente, mostrando suas comparações com a mulher que, assim como ela, é considerada secundária e derivada nesses discursos. Para isso, a autora cita o rótulo “les belles infidèles”, que existe desde o século XVII, e que, para a teórica, aponta para uma “cumplicidade cultural entre as questões de fidelidade na tradução e no casamento” (CHAMBERLAIN, 1988, p. 34-35). O original, assim como o homem, é isento da possibilidade de ser infiel em sua relação com a tradução, como ocorre em um casamento entre homem e mulher, pois possui um “contrato implícito”, no qual “a esposa tradução ‘infidel’ é publicamente julgada por crimes que o marido/original por lei é isento de cometer” (p. 35).

Entre diversos outros exemplos a teórica discute também um tratado sobre tradução, do conde de Roscommon, do século XVII, que defende que o tradutor deve ocupar o papel do autor, lutando pelo direito à paternidade. Roscommon ainda aconselha o tradutor a escolher o autor como ele escolhe um amigo, pois “unidos por este laço de afinidade, vocês [tradutor e autor] se familiarizam com afeto e intimidade. Seus pensamentos, suas palavras, estilos e almas parecem misturar-se, não mais seu intérprete, mas em seu lugar” (ROSCOMMON, 1975, p. 77 *apud* CHAMBERLAIN, 1988, p. 39). Também aqui a metafórica é claramente *gendrada*: o tradutor passa a ser caracterizado como homem e pai da obra traduzida, cujo objetivo é protegê-la, enquanto que a tradução é vista como sendo mulher, feminina, que “deve ser preservada” (CHAMBERLAIN, 1988, p. 40).

Ainda segundo Chamberlain, (1988, p. 43), o problema que fundamenta as discussões na área da tradução envolve o questionamento acerca do relacionamento entre tradutor e tradução, de modo que busque “regularizar legítimas relações sexuais (de autoria) e suas progênes”, ou seja,

relações entre criador e criação. Schleiermacher (1977 *apud* CHAMBERLAIN, 1988, p. 43) defende que o tradutor, pai da obra traduzida, “deve ser fiel à língua mãe para obter uma produção legítima”, do contrário, sua tradução/filha será bastarda. Isso porque a língua-mãe é considerada natural, conseqüentemente, a infidelidade a ela será artificial e impura e o tradutor, acaba por exigir uma paternidade, a partir do momento em que ele “exige um falo, porque é a única forma, num código patriarcal, de reclamar a legitimidade do texto” (CHAMBERLAIN, 1988, p. 51).

Dentro dessa lógica metafórica e a partir do exposto, observamos que a relação entre tradutor, tradução e família é constantemente abordada, deixando claro que o desejo do homem é o do direito à paternidade, pois só assim ele seria considerado criador de uma obra fiel e primária. Por outro lado, observamos que o discurso sobre tradução tem relacionado a tradução com a mulher, visto que ambas tem recebido atribuições de função reprodutora, e que ambas são subordinadas ao produtor/homem/texto original. Desse modo, uma vez que a produção literária era de dominação masculina, cabia, em especial, à mulher a prática de reproduzi-la, cumprindo com seu papel secundário de atuar em atividades também secundárias e derivadas, favorecendo a lógica binária na qual

Embora obviamente tanto homens como mulheres façam traduções, a lógica binária que nos encoraja a definir o profissional de enfermagem como feminino e o de medicina como masculino, o de ensino como feminino, e o de ensino superior como masculino, o de secretária como feminino, e o de altos executivos como masculino, também mostra a tradução, de várias maneiras, como uma atividade de arquétipo feminino (CHAMBERLAIN, 1988, p. 47)

A intersecção entre os Estudos da Tradução e os Estudos Feministas favoreceu um olhar sobre os trabalhos de tradutoras, uma vez que o papel das pesquisadoras da área é o de expor o “discurso silenciado” dessas “para melhor articular a relação entre o que foi codificado com o discurso ‘autoritário’ e o que é silenciado na ruptura e na subversão” (CHAMBERLAIN, 1988, p. 51). A prática da tradução, desde então, passou a ser analisada em termos mais abrangentes, a fim de envolver questões culturais, econômicas, sociais, políticas, de gênero, entre ou-

tras. Ademais, devido ao fato de que foi por meio da prática tradutória que várias mulheres puderam se expor no meio literário, quebrando com os conceitos patriarcais, burgueses e tradicionais, e com alguma resistência ainda hoje existente para sua exposição, pudemos notar que a tradução tem desempenhado um relevante papel social, cultural e político especialmente para as mulheres.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo, pudemos traçar um percurso da prática tradutória de mulheres no Brasil e comprovamos a sua importância para a propagação da literatura no País, por meio das traduções das peças teatrais, folhetins, obras literárias, etc. que aqui chegavam. Vale ressaltar que, com o passar do tempo, o número de traduções de obras de língua inglesa e outros idiomas, tais como italiano e espanhol, recebeu um aumento considerável, dando um fim à dominação das obras francesas e possibilitando o reconhecimento de diversas obras e autores clássicos das demais línguas.

Com a intersecção entre os Estudos da Tradução e os Estudos Feministas e a análise das metáforas da tradução, o olhar sobre os trabalhos de tradutoras foi favorecido, visto que a prática da tradução pôde ser analisada em termos mais abrangentes. Ademais, observamos que, por meio da prática tradutória, várias mulheres puderam se expor no meio literário, quebrando com os conceitos patriarcais, burgueses e tradicionais e com a resistência existente para sua exposição.

Alcançamos, portanto, nosso objetivo de destacar a relevância dos trabalhos de diversas tradutoras brasileiras dos séculos XIX e XX, e notamos que a tradução tem desempenhado um importante papel social, cultural e político especialmente para as mulheres, uma vez que sua significativa participação na área deve-se ao fato de lhe ter sido negada a autonomia, fator necessário à criação. As mulheres, em consequência, acabaram por encontrar, na atividade da tradução que, assim como elas, era considerada secundária, uma maneira de expor seus pensamentos e de lutar pelos seus ideais.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Mercado de Letras, 2008.

- AGUIAR, O. B. de. Uma reescritura brasileira de “Os Miseráveis” (Tese). UNESP, 1996.
- ALMEIDA, Ana Maria. *Raquel de Queiroz e a tradução de Mansfield Park*. 2009. Disponível em: <<http://janeaubrasil.com.br/category/raquel-de-queiroz/>> . Acesso em 3 jan 2015.
- ARAÚJO, Raquel Martins Borges Carvalho. Mary Wollstonecraft e Nísia Floresta: diálogos feministas. In: *Revista Intercâmbio*. Goiás: 2009. Disponível em: <<http://unb.revistaintercambio.net.br/24h/pessoa/temp/anexo/1/256/210.pdf>> . Acesso em 3 jan 2015.
- BALZAC, Honoré. *A mulher de trinta anos*. Tradutora: Rachel de Queiroz, 1948.
- BASSNETT, Susan. Writing in no man’s land: questions of gender and translation. In: *Ilha do Desterro*, n. 28. Florianópolis: UFSC, 1992. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/8751/10654>>. Acesso em 20 nov 2014.
- BELLO, Maria José. *Retrato de Machado de Assis*. Editora A Noite, 1952.
- BETHELL, Leslie. *Brazil: Empire and Republic, 1822-1930*. Cambridge University Press, 1989.
- CHAMBERLAIN, Lori. Gênero e a metafórica da tradução. In: OTTORI, P. (org.). *Tradução: a prática da diferença*. Trad. Norma Viscardi. Unicamp: Campinas, 1998.
- COELHO, N. N. *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras: 1711 – 2001*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- DAL FARRA, Maria Lúcia. Cecília Meireles: imagens femininas. *Revista CADERNOS Pagu*, nº 27, Campinas, 2006.
- DÉPÊCHE, Marie-France. As traduções subversivas feministas ontem e hoje. In: *Labrys, Estudos Feministas*, número 1-2. Brasília: UNB, 2002. Disponível em: <http://vsites.unb.br/ih/his/gefem/labrys1_2/mfd1.html>. Acesso em 20 set 2014.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. *Polysystem theory*. 1990. Disponível em: <<http://www.tau.ac.il/~itamarez>>. Acesso em 14 jan 2015.
- GODARD, Barbara. Theorizing Feminist Discourse/Translation. In: Bassnett, Susan; Lefevere, André (orgs.) *Translation, History and Culture*. Londres e Nova York: Pinter Publishes, 2009
- LIMA, J. V. “Jornal das Senhoras”: As mulheres e a urbanização na corte. *CADERNOS CERU*, São Paulo, 2010.
- MILTON, John; MARTINS, Marcia A. P. Apresentação – Contribuições para uma historiografia da tradução. In: *Tradução em Revista*. Rio de Janeiro: 2010.
- MILTON, John. The importance of economic factors in translation publication: an example from Brazil. In: PYM, Anthony; SHLESINGER, Miriam; SIMEONI, Daniel (Eds.) *Beyond Descriptive Translation Studies: Investigations in Homage to Gideon Toury*. Amsterdam: John Benjamins, 2008.

MUZART, Zahidê L. *Escritoras Brasileiras do Século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.

OLIVEIRA, Anna Olga Prudente de; MARTINS, Marcia Amaral Peixoto. Reflexões sobre a tradução no Brasil: Uma antologia. PUC/RJ, 2007.

PORTINHO, W. M.; DUTRA, W. Paulo Ronái, tradutor e mestre de tradutores. *Tradterm*, vol. 1, 1994.

QUEIROGA, M. G. de. Clarice Lispector tradutora de literatura infantil. *Revista Graphos*, vol. 1, n° 17, 2015.

SALES, Germana Maria Araújo. Circulação de romances no século XIX. S. d. p. 1-12. Disponível em: <http://www.alb.com.br/anais17/txtcompletos/sem17/COLE_1360.pdf>. Acesso em: 13 Ago. 2015.

SANTIAGO, Silviano. Apesar de dependente, universal. In: SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

TELLES, Norma. Escritoras, Escritos, Escrituras. In: PRIORI, M. del (org). História das Mulheres no Brasil, Unesp, 2004.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. *Traduzir o Brasil literário: história e crítica*. Tradução de Clarissa Prado Marini, Sônia Fernandes e Aída Carla Rangel de Sousa. Tubarão: Ed. Copiart, 2014.

VASCONCELOS, Sandra Guardini T. A formação do romance brasileiro: 1808-1860 (vertentes inglesas), s/d. Disponível em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/>>. Acesso em: 14 ago. 2015.

VERUCCI, F. Women and the new Brazilian Constitution. *Feminist Studies*, n° 17, 1991.

WYLLER, Lia. *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

RESUMO

A presente pesquisa tem como principal objetivo apresentar a relevante participação de mulheres na prática de tradução literária no Brasil, nos séculos XIX e XX, a fim de comprovar a sua presença na história da tradução literária no País e contribuir para a redução da invisibilidade sofrida por essas, até os dias atuais. Traçamos, para essa finalidade, um percurso da prática tradutória no País e acolhemos as discussões das teorias feministas que analisam de que forma os valores sociais e posições de hierarquia social se relacionam com a tradução. O marco teórico que

norteia este estudo desenvolve-se a partir dos estudos de Chamberlain (1998), Bassnett (1992), entre outras, e, quanto à pesquisa das tradutoras, têm grande importância as obras de Muzart (2013) e Coelho (2002), além da procura, em bibliotecas e diversas fontes, pelas traduções.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução. Tradutoras brasileiras. Estudos da Tradução. Estudos Feministas.

ABSTRACT

This research aims to expose the relevant participation of women in the practice of literary translation in Brazil, in the nineteenth and twentieth centuries, in order to prove their presence in the literary translation history in the country and to reduce the invisibility suffered by these until nowadays. For this purpose, we traced a route of translation practice in Brazil and embraced the discussions of feminist theories, once they analyze how social values and social hierarchy of positions relate to the translation. The theoretical framework that guides this study was developed from Chamberlain (1988) and Bassnett's (1992) studies and for the research of the women translators were utilized the works of Muzart (2013) and Coelho (2002), in addition to the research at libraries among other things.

KEYWORDS: Translation. Brazilian translator women. Translation Studies. Feminist Studies.